

**O TEMA GERADOR COMO ALTERNATIVA PARA SUPERAR A FRAGMENTAÇÃO
DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA:
UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS SÉRIES INICIAIS
NA ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Mafalda Nesi Francischett

A Deus, “Senhor sei que nos momentos mais difíceis tu me atendeste por isso, só tenho que lhe agradecer”.

A minha família, Ao meu amado filho **Wagner Wolff Pretto**: pela sua compreensão, paciência e dedicação nos momentos em que estive ausente em sua vida. Aos meus queridos pais **João e Abegail**, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e ajudando a derrubar os obstáculos, sei que a conquista devo muito a vocês o meu obrigado.

Em especial a Professora Mestre Orientadora do Curso **Solange Toderó Von Onçay**; ao Professor **Renê Rigon**: pelos momentos que juntos passamos, pelo incentivo e compreensão de meus anseios e pela ajuda de todos!

AGRADECIMENTOS

Ainda que a monografia seja, pela sua finalidade, estritamente acadêmica, há contribuições de natureza diversa que devem ser explicitadas nesse momento. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À prof. Mestre Solange Todero Von Onçay, professora e orientadora, pelo seu espírito revelador do conhecimento desde nossas primeiras conversas, que logo me abriu a porta para que rapidamente eu conseguisse me adentrar no tema tratado neste trabalho; pela disponibilidade revelada ao longo deste período, e pelas críticas e sugestões relevantes feitas durante a orientação.

Ao prof. Mestre Marcos Gerhke que desenvolveu o projeto de Tema Gerador no acampamento Porto Pinheiro e que sem seu pioneirismo e desbravadorismo não seria possível a confecção desse trabalho.

A todos do acampamento Porto Pinheiro pela colaboração e compreensão acerca do trabalho que venho fazendo ao longo desse curso.

Aos colegas e às colegas da especialização pela excelente relação pessoal que criamos e que desde o início fizeram de tudo para criar um clima agradável e cordial.

À Coordenadora Sônia Fátima Schwendler pela excelente direção que tem dado a esse inovador e próspero curso de especialização na área da Educação do Campo; pela ousadia de lutar contra as injustiças do sistema e possibilitar, então, a feitura desse trabalho final monográfico nessa área do conhecimento, de grande relevância social.

Às coordenadoras pedagógicas Cecília Maria Ghedini e Natacha Eugenia Janata pela dedicação as nossas exigências e críticas e, principalmente, pela amizade que foram essenciais para minha persistência ao longo do curso, pois as dificuldades sempre existiram, mas delas tive sempre uma palavra de incentivo e motivação.

Aos meus pais, pelo estímulo e apoio incondicional desde a primeira hora; pela paciência e grande amizade com que sempre me ouviram, e sensatez com que sempre me ajudaram.

E, finalmente, ao meu filho Wagner, pela compreensão e ternura sempre manifestadas apesar do 'débito' de atenção que tenho para com ele. Espero que o entusiasmo, seriedade e empenho que ponho no trabalho possa servir de estímulo para fazer sempre 'mais e melhor'.

"A força do latifundiário vem do dinheiro; a do governo vem da polícia; a nossa da capacidade de juntar gente, de conscientizar".

(João Pedro Stédile, um dos líderes do MST)

LISTAS DE ANEXOS

Depoimentos 38

RESUMO

Contar a história e reviver a memória do município de Porto Barreiro coloca-se também na perspectiva de recuperar processos. Iniciaram-se as primeiras movimentações com fins de colonização na região denominada Guarani. Este local que no passado era habitado por índios da nação guarani e famílias vindas da então Província de São Paulo, tem a presença do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, cuja origem ligada a um elemento central, a luta pela terra, protagonizada por sujeitos expropriados de suas áreas, desempregados ou pequenos proprietários, lhe concede a legitimidade de um projeto para o conjunto de trabalhadores que compõe a categoria Sem-Terra. A experiência densa da conquista da Terra, a organicidade presente no Acampamento Porto Pinheiro, no município de Porto Barreiro não havia sido levada em consideração pela escola até o momento que surge um problema, a ausência das crianças na escola, a causa: contribuir com a família na colheita do milho. A escola, que não levava em conta a experiência própria vivida por estes sujeitos, por meio da reflexão realizada no processo da formação de educadores, explicita o problema. O processo de formação dos educadores tinha por fundamento teórico metodológico os princípios freireano do Tema Gerador. A Colheita do milho passou a ser o Tema Gerador, gerando um método de planejamento dialógico, problematizador, interventor; uma ação cultural que permitiu produção de conhecimento pelo movimento de interação dos conteúdos escolares à prática social vivida, na qual educador-educando-comunidade educativa tornaram-se parte. Em geral, a maioria dos educadores, gestores do ensino não procura saber se a escola poderia se organizar de outra maneira, inserindo-se nas experiências vividas pela comunidade. A participação da escola na colheita do milho, acima de tudo, foi capaz de mostrar que é possível re-criar a escola, tornando-a um espaço de novas relações produtoras de conhecimento, diálogo, problematização, transformação. Entretanto, mesmo sendo perfeitamente possível a escola é engrenagem da sociedade e se não estiver assentada em outra estrutura de projeto de sociedade, assumirá seus fundamentos, ou seja; a se a escola é parte integrante dessa sociedade, reproduzirá sua ideologia.

Palavras chaves: Movimento, tema gerador, organização do trabalho pedagógico, prática pedagógica emancipadora, relação escola-educadores-educandos e comunidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I CAPÍTULO	
1. O MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO, EM MOVIMENTO.	14
1.1. De uma terra ocupada por direito, ao direito de ocupar a terra	14
1.2. Acampamento de Porto Pinheiro: a incansável luta pela terra	16
1.3. Da luta pela terra, à luta pelo direito à educação.	18
II CAPÍTULO	
2. A PRÁTICA EDUCATIVA DOS TEMAS GERADORES NA ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ	20
2.1 Buscando compreender o vivido: um olhar sobre o tema gerador	21
III CAPÍTULO	
3. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO TEMA GERADOR À LUZ DO PENSAMENTO DE FREIRE	27
3.1. A formação Continuada como uma ferramenta à concepção freireana	27
3.2. Delineando passos teórico-metodológicos para a construção do trabalho com o tema gerador	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

Introdução

Esta pesquisa terá como alvo a experiência desenvolvida no ano de 2000, na Escola Cândida Oliveira Luz, localizada numa área de ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, Acampamento Porto Pinheiro, no município de Porto Barreiro.

A experiência deu-se com o tema gerador “o milho”; tema este que gerou um envolvimento de toda a comunidade com a escola, haja vista que as atividades desenvolvidas, vinculavam o conhecimento que os pais tinham sobre o assunto em pauta, com os conteúdos escolares. “Era época de colheita do milho e as faltas dos alunos eram constantes e as justificativas que estes davam é que estavam ajudando seus pais na colheita. Diante da situação constatada, os educadores se reuniram com o educador Marcos Gehrke, onde se levantou a idéia de transformar esta problemática em tema de estudo”.

A escola acima citada faz parte de um movimento social, que tem em seus ideais a ocupação não apenas do latifúndio da propriedade privada, mas também do latifúndio do conhecimento. O Movimento concebe o conhecimento como um importante instrumento na formação da classe trabalhadora. Por isso, participa constantemente da organização pedagógica da escola intervindo no que acredita ser preciso, para que a prática pedagógica se torne coerente com seu projeto.

A pesquisa tem a finalidade de compreender e analisar a experiência vivenciada, percebendo o germe potencializador da dimensão pedagógica e política existente na mesma. Instauradora do movimento pedagógico no qual educadores-educandos-comunidade se tornaram sujeitos que aprendem-ensinam, mediatizados pelo meio, faz-se necessário perceber, em que medida, estes componentes contribuem na formulação de propostas educativas que podem ser vistas como referências às escolas comprometidas com processos emancipadores. Ainda, visualizar se estes elementos se aproximam da concepção de educação presente no Movimento Social, que, ao perceber as condições sociais dos sujeitos, intencionaliza para o espaço da escola o papel de produção de conhecimentos e formação

socialmente útil para o contexto em questão e na produção da cultura contra-hegemônica da sociedade capitalistas. E, ao fazer isso, procura esclarecer para que e para quem o processo educacional hegemônico tem servido. Esta é uma questão fundamental para a compreensão das relações de poder e dominação que teoricamente estão dadas não só no contexto do campo, mas em todos os espaços.

É neste sentido que a autora Sandra Mara Corazza afirma: colocam-se no prólogo, uma forma diferente de trabalhar a educação transformada e transformadora, desenvolvendo uma postura, uma linguagem e uma ação cultural revolucionária, rompendo com os conteúdos colocados de forma doutrinária para o segmento da instituição escolar. (1992: 24).

Corazza refere-se a proposição de Freire que inaugura o diálogo a respeito da educação libertadora, buscando nas práticas populares os temas significativos, sendo capaz de articulá-los na dinâmica do ensinar e aprender, gerando consciência. Durante as décadas de 1950 indo até o golpe militar de 64, esse educador do povo desencadeia um processo teórico-metodológico totalmente inovador, progressista, no qual as palavras da vida do povo, os conteúdos práticos de uma realidade, os fatos sociais, culturais e políticos, tornam-se o conteúdo programático da proposta educacional.

Partindo desse pressuposto, seguiam-se os passos para trabalhar com os temas geradores, em escolas, a partir dos saberes que os educandos que já possuíam. E, fazendo-se perceberem e constituírem, consolidar e ampliar um processo ativo de construção de novos saberes politicamente coerentes.

As raízes do "Tema Gerador" se dão na Pedagogia do Oprimido, fundando o conceito com os "Temas", sistematizada na Educação com prática de liberdade e a ruptura com a "linha bancária".

"Na verdade, o que devemos fazer é colocar ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que o desafia e, fazendo-o lhe exige uma resposta, não a um nível intelectual, mas ao nível da ação." (Freire, 1974:115. Tradução livre de S.M.C. - T.1).

É, pois aqui, aparece a necessidade de dialogar com os sujeitos para conhecer e ter consciência de que estavam fazendo, apontando, suas necessidades,

desejos e também suas contradições.

Mas, coexiste alguma indagação de como deve ser o “conteúdo programático”. Através de onde buscar esses conteúdos? Qual será e de onde virá o conteúdo programático da Educação do Povo?

Freire indaga sobre “os novos conteúdos” de uma educação dos trabalhadores, com a mesma veemência com que Gramsci polemizara contra as estruturas e conteúdos da escola burguesa. Manacorda (1977:40. T.1) reitera o esforço de Gramsci na “busca construtiva de novos conteúdos”, em que este “... concretissimamente recomenda aos soviets de cultura proletária ao estudo dos problemas locais.

Gramsci fala numa escola unitária entre uma escola de cultura dada pelo conhecimento e de trabalho, simultaneamente, e Freire responderá diferentemente, dizendo que a educação não pode mais ser “doada” pelo educador ou pelo político. Pois por melhores que sejam as intenções de ação haverá uma suposta ou relativa ação contrária.

Partindo de estudos teóricos pretendo desenvolver a minha pesquisa de campo para compreender o processo que se deu na localidade do Acampamento Porto Pinheiro.

Neste sentido, este estudo tem como objeto investigar em que medida o Tema Gerador pode ser uma alternativa para superar a fragmentação do ensino: um estudo a partir da experiência das séries iniciais na escola Cândida Oliveira Luz, que vivem no Acampamento Porto Pinheiro. Compreender a abrangência do Tema Gerador “milho”, desenvolvido na comunidade.

Pretende ainda: a) identificar os pontos relevantes no desenvolvimento do tema gerador; b) estabelecer uma relação entre a fragmentação da organização do trabalho pedagógico e os fundamentos do tema gerador; c) recuperar e registrar a experiência por meio da escuta dos sujeitos envolvidos. d) compreender através de teóricos a importância do trabalho pedagógico dos temas geradores e a abrangência destes na relação escola - educadores - educandos e comunidade.

O estudo de caso, que tem uma abordagem qualitativa, além da pesquisa de campo proceder-se-á com pesquisa teórica, buscando melhor compreender os fundamentos dos temas geradores e a relevância destes nas práticas pedagógicas, que buscam o rompimento do ensino fragmentados e descontextualizados.

Durante anos aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua própria pessoa, ou seja: de sua subjetividade; Que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não existe senão uma proximidade policiada entre o método (o sujeito dissolvido em ciência) e o objeto (o outro sujeito dissolvido em dado). Fora do domínio de qualquer interesse que não o da própria ciência, tudo se resolve com boa teoria no princípio, uma objetiva neutralidade no meio e uma rigorosa articulação com os dados, no final. (BRANDÃO, 1984, apud SILVA e SILVA, 1986, p 37).

Essa separação entre sujeito e objeto faz com que o trabalho torne-se fragmentado e manipulado para outros interesses. Havendo a necessidade de articular o sujeito e o objeto para uma reflexão analítica e libertadora.

A forma de pesquisa com depoimentos traz dados riquíssimos para desenvolvimento da análise a qual as conversas estão carregadas de entusiasmo e interesse de fazer parte da história vivida na época que foi desenvolvida esse projeto. Portanto, ficou uma lacuna, que foi a ausência de registro na época, e é evidente que sem o registro se perde grande parte da história. Ela foi vivenciada por uma comunidade escolar, trazendo para o centro o foco da discussão e entusiasmo na colheita de milho que foi o tema que gerou naquele território. E, a história sócio-cultural só permanece quando há interesse de resgatar as relações vivenciadas e escrever a história, para dar continuidade ao projeto que ao longo se perdeu.

Contudo ainda não é tarde para a realização ou a volta de trabalhar com temáticas que refletem a problemática.

E para isso, encontram-se os educadores (as), os organizadores e a secretaria de educação para contribuir com a sua parcela na história. Haja vista que, os sujeitos – a comunidade escolar – são carregados de historicidade e o objeto – tema gerador – caminham juntos, pois é também a origem do aprendizado por meio da concretude do trabalho desenvolvido.

Também, pode-se considerar de um método dialético, pois apresenta fundamentos que expressam uma realidade social construída e suas contradições internas e externas.

Essa concepção metodológica da pesquisa deve ser baseada na prática e teoria assim formulada para o centro da organização do tema gerador. Diante disso, a pesquisa será realizada com cunho científico, mas respeitando a subjetividade dos

depoimentos, estando atenta as conversas para relatar com precisão os sujeitos que vivenciaram aquele momento histórico do município de Porto Barreiro no acampamento Porto Pinheiro.

Se a interpretação antropológica consiste na construção de uma leitura dos acontecimentos, então, divorciá-la do que se passa – daquilo que em determinado momento espaço-temporal pessoas particulares afirmam, fazem, ou sofrem, de entre a vastidão de acontecimentos do mundo – é o mesmo que divorciá-la das suas aplicações tornando-a oca. Uma boa interpretação do que quer que seja – um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade – conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar. (GEERTZ, 1973 apud BOGDAN; BIKLEN, 1991, P 48)

Aqui mostra bem a qualidade de dois aspectos que não podem se divorciar; sujeito de objeto. Carregados de formas, palavras, olhares de entusiasmo, não tem como dissociar esses fundamentos relevantes à estrutura e estética da pesquisa monográfica.

Dadas às reflexões teóricas, denota-se a importância de um olhar crítico para desenvolver uma concepção de educação realmente preocupada com os educandos e delineando a organização do processo pedagógico e o trabalho educativo.

A pesquisa estruturou-se em três capítulos sendo; o primeiro a história do Município de Porto Barreiro, como o mesmo se formou, como foi o começo do Acampamento do Movimento dos Sem Terra, a origem das famílias, a educação, as lavouras, a segurança, a desistência de algumas famílias e enfim a conquista da Terra. No segundo capítulo a prática dos Temas Geradores que possibilitou estabelecer uma ligação entre a vida e a escola do aluno partindo de sua experiência vivenciada no seu dia-a-dia no acampamento junto com suas famílias. O terceiro capítulo procura fundamentar o tema gerador a partir dos princípios freireanos, apontando possibilidades de avanços à experiência. Traz ainda as conclusões retomando a importância de referência como esta ao contexto educacional para que se identifica com a emancipação humana.

CAPÍTULO I

1. O MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO, EM MOVIMENTO.

1.1 De uma terra ocupada por direito, ao direito de ocupar terra

É importante registrar que as comunidades indígenas eram “ecológicas” na verdadeira acepção do termo, sempre respeitando o meio ambiente. (Um Pouco da História e Geografia de um Povo, 1999, p.24).

O município de Porto Barreiro foi constituído por indígenas Kaingang (Coroados), os/as Guaranis e os Xoklém (botucudos), que ao longo da história ocuparam estes territórios por direito. Com a vinda de outras nacionalidades o quadro se modificou, fazendo parte do mesmo, filhos de italianos, alemães, espanhóis, dentre outros.

No final do século XVIII, a Região Oeste e Sudoeste do Paraná foram comandadas pelos espanhóis sendo assinado um acordo com os portugueses, em uma localidade chamada Tordesilhas. Com o passar do tempo, o domínio novamente pertenceu aos portugueses, ficando assim constituída a ocupação pelos portugueses, a qual foi chamada de Sesmarias.

No ano de 1930, as famílias oriundas da Europa, começaram a se instalar no antigo Barreirinho, hoje oficializado de município de Porto Barreiro. É interessante, perceber que nos primeiros moradores do município, não se constatou a presença de Espanhol na população. Há sim, registro dos mesmos, nos municípios vizinhos como Laranjeiras do Sul e Guarapuava.

A ocupação de terras se deu na forma de exploração e colonização, mas é importante salientar, que Porto Barreiro e região não houve uma ocupação efetiva. Conforme Gomes argumenta: (1986:15)

Esse processo de ocupação intensiva na região iniciado na década de 40, intensifica-se na década seguinte com os migrantes gaúchos e catarinenses, descendentes de europeus que haviam colonizado as “regiões antigas” do Rio Grande do Sul. Estabeleceram-se na região de forma espontânea, pela ocupação pura e simples de terras devolutas ou pela compra da posse do “caboclo”, e através da colonização dirigida.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária, estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84, e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores¹.

Uma luta, que sabemos, no Brasil surgiu bem antes do MST. Canudos e Contestado, no final do século XIX. As Ligas Camponesas e Master (Movimento dos Agricultores Sem Terra) entre 1950 e 1964 foram algumas das experiências anteriores ao MST, em que trabalhadores rurais se organizaram em busca de terra e melhores condições de trabalho e vida. "Construir uma sociedade sem exploradores e onde o trabalho tem supremacia sobre o capital" era o grande propósito.

Estas lutas contribuíram para o acúmulo de conhecimentos podendo ser entendida a partir da análise da situação concreta de cada contexto.

A importância de o MST ao buscar novas formas de luta e de enfrentamento com o latifúndio no campo, para além da ocupação da terra, permitiu ao Movimento nova força política e ideológica. Realmente se faz necessário um novo tipo de ação que responda a esta nova onda do capitalismo no campo, por meio do agro negócio e das transnacionais. Também é importante fazer com que a sociedade tome conhecimento do papel que os Movimentos Sociais estão tendo e é

¹ Para um maior aprofundamento sobre a história do MST, ver capítulo 2 de Roseli Salet Caldart, *Escola é mais do que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra*; João Pedro Stedile & Bernardo Mançano Fernandes, *Brava gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ambos de 1999.

necessário outros métodos que propiciem esse diálogo e esta conscientização para com a sociedade.

1.2 Acampamento de Porto Pinheiro: a incansável luta pela terra

O inverno rigoroso de 1998 dificultou a vida das pessoas que se concentravam nas margens da BR 158, porém não foi motivo para fazer com que as famílias que ali se concentravam desistissem. Foi um longo período, de concentração a margem da BR que serviu para um tempo de estudo sobre o MST, onde todos puderam aprofundar melhor sobre os fundamentos do Movimento.

Meado de setembro de 1998, finalmente abandonou-se aquela BR fria, em direção à terra prometida. Destino este ao jovem município de Porto Barreiro, mais precisamente o latifúndio da fazenda Manasa.

Quanto à ocupação na época foram 373 famílias, mais de 1000 pessoas que depositavam sonhos, a partir de então em Porto Barreiro. As 373 famílias estavam divididas em 15 grupos, cada grupo era composto por 15 a 32 famílias. Sendo que em cada grupo havia um coordenador, vice-coordenador, responsável pela segurança, responsável pela educação, responsável pela produção, pela alimentação, infra-estrutura, saúde.

No início, por questão de maior segurança, os barracos de lona preta foram todos construídos juntos, formando um aglomerado enorme de barracos. Havia ameaça de pistoleiros. Para garantir a segurança todos tinham que “tirar segurança”², para evitar que pessoas se infiltrassem na área e criasse problemas.

As famílias que compunham o acampamento vinham de diversos lugares: Capanema, São João, São Jorge do Oeste, Dois Vizinhos, Mangueirinha, Honório Serpa, Rio Bonito do Iguaçu, Goioxim, Espigão Alto do Iguaçu, Laranjeiras do Sul, além de um grande número de brasiguaios, que estavam sofrendo um processo de expulsão do Paraguai, país vizinho. Pessoas de lugares diferentes, de culturas diferentes, religiões diferentes, porém todos com um objetivo comum; somar força para juntos conquistar um pedaço de terra, para viver uma vida mais digna.

2 (Havia revesamento entre os homens para policiarem o acampamento).

A primeira reivindicação foi ao prefeito do município para que as crianças tivessem oportunidade de freqüentarem a escola, uma vez que para o MST, para além de ocupar o latifúndio da propriedade privada, era preciso também ocupar o latifúndio do conhecimento. Assim sendo, teve o apoio da administração municipal, e, no dia 30 de setembro uma escola já estava funcionando no acampamento.

Uma casa de madeira da Manasa foi adaptada e se tornou a escola. Foi elaborado um calendário escolar específico do mês de agosto de 1998 até fevereiro de 1999 para recuperar o ano letivo. O trabalho foi quase que integral. Teve muitas pessoas com uma idade entre sete a vinte anos de idade que nunca havia freqüentado um dia sequer a escola, principalmente os brasiguaios. Então, pela ação quase que irrestrita do MST, teve início de um trabalho de alfabetização de jovens e adultos.

Grande parte de sua área era de reflorestamento, e partes era de capoeira. Uma coisa se fazia necessário, como era preciso produzir alimentos para a subsistência, foi iniciado as roçadas coletivas, onde as pessoas que não tinham função de fazer segurança iam para o "eito", ajudar a derrubar a mata, que logo se transformou em lavoura, e por conseqüência, alimento que ajudou a dar mais esperança para resistir aos obstáculos que apareciam. As lavouras eram todas coletivas.

A segurança era uma das grandes preocupações de manter todas as famílias seguras no acampamento, para tanto foi construído guaritas em todas as entradas da área, ou seja, três pontos, onde havia guarda. Os grupos se revezavam fazendo segurança 24 horas por dia. As guaritas eram um dos pontos mais sofridos que enfrentavam, pois o medo, as chuvas, o frio eram intensos, além do que, pegavam-se muitos resfriados, haja vista que havia sempre fogo no chão e eles sentavam-se ao redor do fogo para tomar chimarrão, contar história piadas e passar o tempo e quando saíam na aragem fria, às gripes fortes era inevitável, então o pessoal da saúde em ação produziam xaropes de forma coletiva, e outros medicamentos para as doenças mais comuns. As crianças também sofriam muito, doenças respiratórias e verminoses.

Intempéries climáticas, problemas de saúde, escassez de alimentos,

desentendimentos, foram alguns dos motivos que fizeram com que muitas famílias desistissem de lutar por o seu tão sonhado pedaço de terra. Desta forma, das 373 famílias originárias da ocupação, resistem heroicamente, depois de 9 anos, apenas 70 famílias. O longo período de espera, o descaso dos Governos de FHC e Lerner, a truculência física e psicológica, também foram fatores fortes que fizeram com que muitas famílias desistissem e saíssem, muitas vezes, até mesmo sem rumo.

1.3 Da luta pela terra à luta pelo direito à educação

A escola é um processo de aprender e ensinar, então desde o princípio da ocupação, o Movimento Sem Terra defendia a idéia de se ter uma escola dentro do Acampamento Porto Pinheiro. O objetivo era garantir o direito a educação, mantida com recursos do Estado, porém com o controle político e pedagógico que neste caso foi disputada pela comunidade, a qual se envolveu, assegurando a construção pedagógica pelos educadores e comunidade.

Segundo Pistrak:

Quem deve construir a nova escola são os educadores, junto com os educandos e suas comunidades. Mas para isto os educadores não podem ser tratados como meros executores ou seguidores de manuais simplificados. Devem ser estimulados e preparados para dominar as teorias pedagógicas que permitem refletir sobre a prática e tomar decisões próprias, construindo e reconstruindo práticas e métodos de educação. (2000, p. 15)

Não esquecendo que as ações educativas acontecem entre as pessoas, cada um com sua carga de saberes, valores, de cultura, e que o processo de formação é uma relação de reciprocidade. Como diz Freire, "as pessoas se educam entre si mediatizadas pelo mundo" conforme seu modo de vida.

Na concepção do Movimento estava presente o princípio educativo do trabalho. Este se aproxima do pensamento de Gramsci, e de como o pensador italiano concebia o trabalho enquanto princípio, nas escolas elementares:

Era o conceito do trabalho, que não pode ser realizado em toda a sua potência de expansão e de produtividade sem um conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem legal que regule organicamente a vida dos homens, ordem essa que deve ser respeitada por convicção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta pelos próprios homens e não por mera coerção.

(GRAMSCI1990, p. 243)

Portanto, o trabalho com a intencionalidade pedagógica tornar-se um princípio educativo da escola do Movimento, onde os problemas da comunidade transformam-se em conhecimento prático-reflexivo, trabalhando também a conscientização, a pertença dos educandos, para que possam ser desde já participantes ativos da organicidade do Movimento.

Na concepção do Movimento, o princípio educativo fundamentava as escolas elementares, destes filhos e filhas de trabalhadores que buscavam, para além do ensino, o direito de serem sujeitos históricos na luta pela terra. Por meio do trabalho na terra, buscavam tirar dignamente seu sustento e de sua família, tomando consciência de si, e ao tomar consciência passavam a ver a escola como um instrumento a mais na construção desse propósito. Em Gramsci (In NOSELLA, 2004, p.50);

Para o proletariado é necessária uma escola desinteressada. Uma escola que dê a criança a possibilidade de se formar, de se tornar homem, de adquirir aqueles critérios gerais necessários para o desenvolvimento do caráter. Uma escola humanista, em suma, assim como a entendiam os antigos e mais próximos homens do renascimento. Uma escola que não hipoteque o futuro do garoto, nem obrigue sua vontade, sua inteligência, sua consciência e informação a se mover na bitola de um trem com estação marcada. Uma escola de liberdade e livre iniciativa e não uma escola de escravidão e de mecanicidade. Também os filhos dos proletários devem ter diante de si todas as possibilidades, todos os campos livres para poder realizar sua individualidade de forma melhor, e por isso no modo mais produtivo para eles e a coletividade. A escola profissional não pode se tornar uma encubadeira de pequenos monstros mesquinamente instruídos para um ofício, sem idéias gerais, sem cultura geral, sem alma, possuidores apenas de um olhar infalível e de uma mão firme.

A escola, pretendido por Gramsci, era certamente a concepção destes sujeitos históricos que projetavam para as novas gerações, a continuidade de um projeto político no qual o proletariado é sujeito. A proposta teria como princípio o envolvendo de todos: "equipe pedagógica, educadores, educandos e comunidade", sujeitos pensantes, que em movimento, seriam parte ativa da escola.

CAPÍTULO II

2. A PRÁTICA EDUCATIVA DOS TEMAS GERADORES NA ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ

Educadores queixavam-se de falta de atenção, falta de interesse, indisciplina dos alunos e que o conhecimento era difícil de ser socializado. Havia muitas faltas, ou seja, muitos educandos e educandas trocavam a sala de aula para acompanhar a família no trabalho. Os educadores diziam que já haviam experimentado vários métodos, alguns modismos, que logo foram abandonados.

Os encontros de formação, que passam a ser assessorados pelo pedagogo³, iam trazendo a concepção freireana, construindo condições para ir debatendo novas metodologias e práticas. Neste momento o coletivo de educadores toma consciência da fragmentação do ensino.

(...) naquele período teve momentos sistemáticos de encontros. Não foi uma coisa tão constante, nós tivemos momentos que era acompanhamento semanal também por que eu morava aqui próximo. A gente fazia encontros periodicamente, de quinze em quinze dias ou ainda tinha encontros mensais. Naquela época, a gente fez a Conferência aqui de Educação do Campo, então teve muitos momentos, elas (as educadoras) foram contar as experiências em alguns lugares. Então o acompanhamento ele foi a diferentes formas. (Assessoria Pedagógica).

O processo ia possibilitando por em movimento concepções de educadores, educandos, coordenação pedagógica..., conteúdos e metodologia, espaços e tempos, enfim; instaurando a necessidade de planejar, compreender o motivo das faltas das crianças, principal problema para o momento.

Na verdade, o trabalho com o tema gerador na escola do acampamento ele foi uma parte do processo que a gente desenvolveu no trabalho com a

3 Marco Gherke – Setor de educação do MST - Pedagogo, com uma ampla experiência no trabalho com o Tema Gerador, que acompanhou e contribuiu com experiência em questão.

educação, ele nasceu da proposta do tema gerador na escola ela nasceu a partir do acompanhamento que o MST que começou fazendo na escola municipal juntamente com a secretaria municipal de educação e com as professoras e as famílias em torno da dificuldade que as professoras vêm encontrando de conseguir trazer a família e as crianças pra escola porque as crianças iam juntas no trabalho na roça e ficava longe do acampamento então as pessoas tinham um conjunto de queixas e que as deixava imobilizadas ao trabalho então a gente fez toda uma discussão de que pra gente superar essa situação enfrentar ela. (...) O pedagogo que coordenou o processo.

Apresentada a concepção teórica metodológica do tema gerador, a mesma foi sendo assumida pelo coletivo de educadores. Certamente, muitos a compreenderam apenas enquanto método, outros talvez nem chegaram fazer a opção, entretanto, foram sendo inseridos no processo. O tema milho veio pra roda, e virou o componente articulador da fragmentação, mobilizador, sabendo recuperar o “interesse e o envolvimento de todos/as, que se colocaram em movimento”.

Pressupostamente, a ausência de educandos na escola era por causa do trabalho na roça ser mais importante naquele momento, até pela lógica de sobrevivência destas famílias. Daí, os educadores conseguiram perceber e o problema, a não vinda das crianças na escola. E, com a ida até onde estavam as crianças, na roça, refletiram fortemente a força e o aprendizado que já acontecia ali, mesmo sem a escola presente aprendiam matemática, geografia, português e história.

2.1 Buscando compreender o vivido: um olhar sobre o tema Gerador

A escolha deste tema gerador não veio de uma grande investigação, a causa estava dada, “*alunos faltavam à aula por causa da colheita de milho*”. Com certeza, muitos educadores e educadoras não tinham claro, no momento, que um tema gerador, provém de uma situação limite, nem mesmo e o que era uma *situação limite*, na concepção de Freire. Entretanto, o tema foi tão envolvente e certamente perpassava pela subjetividade de todos.

Situações limites, segundo Freire, são as que “(...) se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em fase as quais não lhe cabe alternativas a não ser adaptar-se”. (1971, p. 94) É o limite de

compreensão que este grupo possui de sua realidade. "Limitrofe", que se apresenta de forma estanque e que permitem apenas soluções isoladas.

O limite anula de certa forma as condições de raciocinar e acaba por acreditar que não há mais saída, envolvendo-se numa inércia latente, mais por outro lado, deixa-o incomodado com a situação que é o seu limite tanto no aspecto dos educadores preocupados com as faltas dos educandos como do povo que vive em conflitos, lutando para conseguir superar o momento de crise econômica não tendo condições de sustentar sua família dignamente.

Tínhamos assim o tema gerador. Os temas geradores significam a possibilidade de estabelecer um elo entre a vida escolar do educando e o seu cotidiano, sendo que permitem que os trabalhos pedagógicos ganhem uma dimensão ampla, concreta, contextualizando. Na concepção de Paulo Freire, uma educação essencialmente humanizadora.

Freire, ainda ressalta que a luta pela libertação do homem, o qual é produto da realidade histórica no reconhecimento do oprimido em relação a si mesmo, enquanto homem de vocação para "ser mais". Preconiza um trabalho educativo que respeite o diálogo e a união indissociável entre ação e reflexão, isto é, que privilegia a práxis. Em correspondência a essa concepção de homem como "ser inconcluso" e, por isso, que não se faz com "depósitos" de conhecimento.

Segundo Paulo Freire, a pedagogia na perspectiva opressora, denominada de "educação bancária", pautada numa comunicação verticalizada, contrária ao diálogo, serve como instrumento de desumanização e domesticação do oprimido, o qual na sua relação com o opressor hospeda-o em sua consciência. Ao se referir à teoria antidialógica, o autor ressalta que a referida teoria tanto traz a marca da opressão, da invasão cultural camuflada, da falsa "admiração" do mundo, como lança mão de mitos para manter o *status quo* e manter a desunião dos oprimidos, os quais divididos ficam enfraquecidos e tornam-se facilmente dirigidos e manipulados.

Em contraposição, a pedagogia opressora que Paulo Freire chama atenção, a educação imbuída de componentes dialógicos, problematizadores e marcadamente reflexivos, é indispensável para o desvelamento da realidade e sua

apreensão consciente pelo educando. Ademais, "[...] a educação problematizadora coloca, desde logo, a existência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica [...] (Freire, 2004, p.68)", não é possível a colaboração entre educador e educando, não é possível conceber um educador-educando, que se educa no diálogo com o outro, e um educando-educador.

Traz à cena a questão do "ato de dissertar" realizado pelo educador, que se constitui, e isto tanto dentro como fora da escola e em qualquer nível de educação, uma prática de ante-dominação, pois se disserta sobre a realidade como se fosse algo não estático e com vida.

Ao questionar a transmissão, Paulo Freire explica que o "educador bancário" tenta "depositar", "encher", o educando com conteúdos, os quais, comumente, não se relacionam com sua vida, minimizando, e até mesmo anulando seu potencial criativo, criticidade o pensar autêntico. Ao memorizar o conteúdo narrado, ao "arquivar", "depósitar", o educando não está se conhecendo e conhecendo o mundo de modo verdadeiro, não está desenvolvendo sua consciência crítica. Daí Freire (2004, p.72) destaca que a educação bancária "[...] servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda, que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a "domestica"".

Em oposição à educação bancária, o educador-educando se compromete com um conteúdo programático que não caracteriza doação ou imposição, "[...] não um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada" (FREIRE, 2004 p. 83-84). Compromete-se com uma programação, com conteúdos, que advêm das colocações do povo, de sua existência, desafiando-o à busca de respostas, tanto em nível de reflexão como de ação. Em outras palavras, uma prática libertadora, requer que o "[...] acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem 'salvadora', em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham dessa objetividade; [...] de si mesmos e do mundo" (FREIRE, 2004, p.86). Desse modo, buscam-se juntos, educador e povo, mediatizados pela realidade, o conteúdo a ser estudado.

Acerca do operacionalizar a pedagogia de uma perspectiva do oprimido, é preciso, segundo Paulo Freire, investigar o universo temático do povo. Busca-se, inicialmente, conhecer a área em que se vai trabalhar e se aproximar de seus indivíduos, marcando presença ativa para coletar dados, de modo a levantar os temas geradores. Estes devem ser organizados em círculos concêntricos, partindo de uma abordagem mais geral até a mais particular. Tal operacionalização demanda problematização, ainda, e isso cabe ao educador dialógico, devolver em forma de problema o universo temático recebido do povo na investigação.

Segundo Onçay (2006, p.11): “Temos assim o Tema Gerador, presente no “universo temático” do povo, cujo” (“...”) conjunto de temas em interação, constitui o ‘universo temático’ da época”. (FREIRE, 1987, p. 93)

Entretanto, o trabalho com o tema gerador gera inquietação, problematização e nas palavras Corazza, “dor”:

“O tema “gerador”, de um plano inclinado, “gera a dor” de conhecer, de saber, de desalienar, de saber, de des-velar, de ter de criar”. “Gera a dor” de nos sabermos sujeitos humanos (falantes, tautologicamente) e, por isso, irremediavelmente sem objeto. (1992, p. 55)

Assim, com educadores, educandos e a comunidade que viveu a experiência intensa, não foram diferentes no momento. Entre a inquietação, a insegurança existencializaram aquilo que diz que a educação se dá em todos os momentos da vida, e isso foi muito relevante; a educação saiu da sala de aula e foi para roça mediatizar a prática e o porquê de tantas faltas na escola.

Assim, a captação e a compreensão da realidade se refazem ganhando um nível não existente antes. “Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a ‘razão’ da realidade não estão fora dela, como, por sua vez, ela não se encontra deles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse”. (Freire, 1987. 96)

Então as famílias que tavam colhendo o milho e ao conversar com elas na roça as professoras começaram fazer toda uma investigação que nós havíamos preparado na formação dos professores, então teve toda uma preparação em torno de saber porquê que as crianças não tavam indo pra escola, o que que elas faziam na roça que conhecimentos tinham no trabalho no mundo que é então começa a nascer um conjunto de

depoimentos e fala dos agricultores do tipo dizendo que eles já sabiam quanto de milho iam colher sem antes colher o milho que daí despertou a curiosidade das professoras em querer saber mas como que vocês sabem quanto de milho vai colher se você nem colheu ainda ai os agricultores tinham ainda uma explicação do tamanho da espiga do numero de espigas por pés, contariam as fileiras e essa matemática toda né. Então começou a nascer um conjunto de curiosidades nossas né. (Depoimento do Pedagogo MARCOS GEHRKE).

Os conteúdos todos estavam lá, vividos cotidianamente, porém havia necessidade de contextualizar na prática de sala de aula, e isso aconteceu quando a professora foi conhecer a vida daquelas crianças no dia-a-dia trazendo respaldo legitimado por um coletivo.

E as indagações como fazer, como buscar, qual caminho, se deu no decorrer das ações dos sujeitos e respostas foram gerando novas indagações, as quais iam produzindo um grande movimento que levava investigar sobre questões pertinentes ao local.

Também foi nesse processo de visita nas famílias inclusive nos barracos né, então também houve toda uma descoberta das mulheres socando o milho no pilão, a forma que elas faziam isso na cinza, com a palha despertou um conjunto de questões né, que então que a gente então como acompanhamento na formação dos professores levantou a gente fez então, um planejamento do tema gerador a partir de essas curiosidades que a gente então chama de questões geradoras, a gente levantou todas as questões geradoras né. O que que a cinza tem que descasca o milho porque que a canjica do milho socado no pilão com cinza é melhor do que a canjica enfim, então todas as questões geradoras fizeram com que a gente então planejasse o tema gerador. (Depoimento do Pedagogo MARCOS GEHRKE).

Com o tema gerador buscou-se elaborar conteúdos programáticos partindo de uma concepção metodológica que foi sendo capaz de mediatizar a consciência de educadores e educandos e ir caminhando na perspectiva de libertar o contexto de uma "educação bancária".

De acordo com Paulo Freire, (1987, p. 86):

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política. O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhes exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.

A transformação naquele momento não ocorreu de forma tranqüila, mexeu com a estrutura emocional e cognitiva dos educadores.

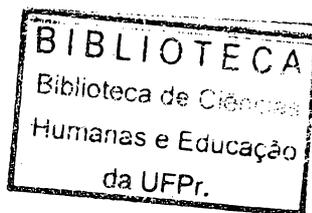
Foi muito difícil para os educadores internalizar este método teórico metodológico encontrando dificuldades e medos de mudar a concepção de ensino, não foi de uma hora pra outra que as coisas mudaram.

Primeiramente, os sujeitos precisam aceitar e internalizar um novo paradigma, totalmente adverso dos bancos escolares Isso não foi uma tarefa fácil. Foi também e acredito ainda que e o limite do educador, sendo preciso estudar mais sobre o que ele pensa e repensa de educação do campo educacional.

A Conferência realizada em 2000, sendo a segunda a nível Estadual que acontece em Porto Barreiro, a qual foi um marco importante, inclusive para a constituição da Articulação Paranaense "Por Uma Educação do Campo". A mesma fez com que os professores tomassem uma atitude de divulgar o trabalho desenvolvido com o milho e trazendo novos elementos de como ensinar com prazer e aprender com entusiasmo.

Nesta Conferência relatou-se o vivenciado com o processo do tema gerador. O importante, da referida Conferência para o contexto de Porto Barreiro, foi à consolidação do Projeto de Desenvolvimento Municipal o qual trabalhava com as diferentes dimensões, mostrando quanto é importante o educador divulgar seu trabalho. O mesmo foi comunicado com testemunho da das educadoras e apresentação de teatro, músicas onde participaram tanto educandos como educadores.

E, com tempo, vieram outros momentos de se trabalhar outros temas, porém, o quadro de educadores foi mudando e a proposta não ganhou aliados na sua trajetória. As questões políticas interferiram no trabalho já realizado porém não consolidado. Por ser um município pequeno e de rivalidades políticas, estas interferiram no campo da educação, fragilizando o processo que foi sendo substituído por modismos, programas educacionais facilitadores do ensinar-aprender, descompromissados político e pedagogicamente.



CAPÍTULO III

3. O Tema Gerador e seus fundamentos teórico-metodológicos à luz do pensamento de Freire

3.1. A formação Continuada como uma ferramenta à concepção freireana

Um dos componentes que o processo gerou foi à necessidade dos educadores se reunirem, estudarem, criarem momentos de planejamento, trazendo para o contexto da reflexão, suas dificuldades, inseguranças, ou seja, fazer da prática pedagógica objeto de estudo. Movimentos reflexivos que vieram se dando de forma continuada, permitindo voltar um olhar investigativo sobre as tarefas da escola, a qual passou a abrir o problema que a inquietava, debatendo e inserindo a comunidade. Um processo, que foi permitindo a auto-formação e formação do coletivo de educadores, fundamentada na reflexão no registro e na sistematização da prática pedagógica, à luz de contribuições teóricas. Nas palavras de Benincá e Caimi (2002, p.104)

O método da práxis, porém, não se constrói ao longo do trabalho; ele é o coração de uma teoria. Não é o método, mas a prática pedagógica que se explicita e passa a ser compreendida ao longo do processo de investigação. [...] Diferentemente de um curso de atualização, que oferece conhecimentos já construídos e que rapidamente podem ser superados, o método da práxis mantém o investigador sempre em ação, já que trabalha com uma realidade sempre nova. A prática do professor, por isso, é uma fonte permanente de geração de conhecimentos. [...] Trata-se de um processo metódico de observação da prática, esta registrada e refletida de forma sistemática.

A formação continuada, conforme era concebida por Freire, permite que o educador faça de sua prática, objeto de estudo, reflita-a coletivamente e a luz de teoria, re-crie-a permanentemente.

Apoiando-se em Freire, escrevem Benincá e Caimi (2002, p.100-101):

A formação continuada, no pensamento de Paulo Freire, tem como pressuposto a existência de um processo político-pedagógico e, ao mesmo tempo, de uma antropologia fenomenológico-hermenêutica. Isto implica um passado que se faz história, um presente em permanente transformação e um futuro a ser construído. O passado se faz história e realidade, embora seja sempre uma determinada leitura dos acontecimentos e textos já construídos. O futuro, porém, é sempre um presente em transformação,

enquanto desejo e utopia.

E em busca de outras dimensões, como a Práxis que é a ação-reflexão-ação qualificada, melhorada, utilizada de forma solidária. Elementos necessários para avanço de toda práticas educativas. De certa forma compreendamos esse ato, que por ventura, parece fácil de realizar, mas, na sua realidade a tarefa é mais complexa.

E para tanto, estas são prerrogativas de transformação da realidade é o necessário movimento para não cuidar de não transformar idéias de transformação em blá-blá-blá ou verbalismo sem um mínimo de compromisso e práticas em rotinas esvaziadas de teorias.

O compromisso verdadeiro da transformação se faz da palavra, agindo com os sujeitos e fazendo perceber e se perceber na situação existencial e voltar à ela refletindo sempre, a luz de teorias comprometidas com mudanças revolucionárias.

3.2. Delineando passos teórico-metodológicos para a construção de uma proposta com o tema gerador

Diante do processo que analisamos, é importante dar passo na construção de alguns componentes teóricos e metodológicos que podem nortear uma proposta de trabalho com tema gerador, mediante os princípios freireanos.

Há de se indagar, qual a importância desse princípio educativo? Que relações se pode estabelecer com a comunidade escolar? O que a escola pode construir com essa nova proposta? E entre outras várias indagações que derivam de um projeto de humanização de sujeitos capazes de transformar sua realidade.

A experiência com o tema gerador exige um olhar crítico e respeitando alguns passos para que o processo propicie realmente mudanças educativas inovadoras. Passos esses como a investigação, situação limite e as redes de conteúdos, os quais são vivenciados para depois transformarem-se num método. Há também a necessidade de perceber que por si só não garantem avanços, se não embuído em uma concepção de educação humanizadora, emancipadora, que vê na educação

um instrumento de mudança cultural que caminha na perspectiva de um outro projeto de sociedade, na qual o ser humano e não o capital é o centro. Além disso, é importante que a iniciativa se torne proposta da escola e da comunidade, somente assim será possível realizar esse trabalho educativo.

Para tanto, é sumariamente importante a escola se transformar e criar situações de reflexões dadas pelos educandos e educadores, tendo a participação da comunidade.

Ponto fundamental, e proximidade dos educandos que fazem parte de uma história e de uma cultura partilhada e a interação com meio onde vivem, e assim, criam-se convívios e construção de identidades próprias, componente primordial numa relação pedagógica.

Outro ponto importante e vinculada à prática social, tendo o cotidiano como partida, experiências dos saberes, vivências de cooperação, de solidariedade, de respeito a idades e níveis diferenciados, que integra um ambiente escolar, criando um contexto educativo que se aprende e se ensina mutuamente, ressignificando referenciais de vida numa perspectiva humanizadora.

Nesse mesmo caminho, também há de se concordar com a formação continuada de educadores e educadoras que teria que se condensar em teorias referentes a tal prática para a compreensão de todos.

Encontro com metodologias próprias, partindo da investigação das falas significativas, identifica-se a "situação limite", assim tendo o tema gerador. Daí, parte-se para uma rede temática, onde se busca dialogar com as diferentes concepções: a do contexto onde se expressa a concepção que é a situação limite, a dos educando em seu nível de conhecimento, a dos educadores que incluem as áreas do conhecimento, que tem a função de decodificar as questões para desocultar, trazendo elementos para construir análise dos fatos. Portanto, os conteúdos integram-se as áreas do conhecimento, sendo compreendidos à medida que a temática vai sendo trabalhada.

Por conseguinte, elabora-se um "contra tema", ou seja projeta a concepção desveladora que se pretende atingir com o tema gerador, que passa explicitar, a intencionalidade de por que trabalhar tal temática e o elemento formativo a ser

pesquisado, e que foi identificado como elemento necessário a ser atingido, pela investigação originando o tema.

O tema seria o ponto de partida pedagógico e o contra tema seria a direção da síntese analítica revelando a realidade local, que pretende-se construir com os educandos.

Assim, procura-se relacionar temas, relações de rede temáticas e “contra temas”, em uma única questão, ou, seja a questão geradora.

O tema gerador é concebido das análises das relações, das falas significativas da comunidade, a qual apresenta uma contradição, uma “situação limite”, uma situação problemática conduzida pelo senso comum, ou seja, comunidade – educandos. A contradição é o tema gerador selecionado, expressamente retirada das “falas significativas”, as quais dão uma concepção de mundo decorrente na comunidade.

A segunda rede é construída nas relações entre elementos da organização social com os envolvidos no processo para analisar os problemas locais. Parte-se do pequeno para maior estrutura social buscando-se as relações sociais entre ambas.

Para trabalhar o tema gerador é necessário:

a) Investigação da realidade – através das falas da comunidade pode-se analisar os fatos dos sujeitos daquele local investigado.

Apreensão e explicitação das contradições – o coletivo cria uma rede temática através de falas e contradições e assim dá ênfase ao tema escolhido.

Com esses dados e reflexões pode-se perceber que a mudança é possível desde que seja desejada por todos, e a condição humanizadora aconteceu quando todos perceberem-se na situação e fora da situação e torná-la à situação.

Paulo Freire diz: que os temas, em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos.

Ainda é Paulo Freire que afirma: essa educação, em que educadores e educandos se fazem sujeito do seu processo, essa educação supera o

intelectualismo alienante, supera o autoritarismo do educador “bancário”, supera, ainda, a falsa consciência do mundo.

Para Paulo Freire, “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade”

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

A questão fundamental, neste caso, está em que faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não conhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não podem porque, para conhecê-la seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter uma visão de totalidade do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja visão voltaria com mais clareza à totalidade analisada. (Freire, 1987, p. 96)

Desta forma, não há como surpreender os temas históricos isolados, soltos, desconectados, coisificados, parados, mas a relação dialética com outros, seus opostos. Como também não há outro lugar para encontrá-los que não seja na relação homem-mundo. “O conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático” da época.” (93)

Esclarece Freire: Ao educador do povo, dialógico, a tarefa é:

“(…) trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação aos homens e quem recebeu. Se, na etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a ‘palavra geradora’, na pós-alfabetização, busca e investiga o tema gerador.” (p. 102).

Notoriamente, as modificações se sucedem com o correr das ações, sendo necessário tomarem o cuidado de agir num ambiente que pronuncia e denuncia problemas constantes. Problemas estes, de ausência do diálogo, os que se sentem negados de seu direito.

Hoje, mais que em outras épocas, se exige do educador uma postura alicerçada num processo permanente de reflexão que leve a resultados inovadores no trato da educação. Sem dúvida que, as contribuições de Paulo Freire levam o

educador a consciência de si enquanto ser histórico que continuamente se educa num movimento dialético no mundo que o cerca. Não é, pois, por acaso que as idéias freireanas se articulam com os interesses na formação do educador, pois, não se perde de vista o caráter histórico do homem associado sempre à prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui mostramos claramente a trajetória de luta pela terra e concluímos que o MST não é o responsável por tanta baderna por tantas injustiças e desigualdade é sim uma Organização que luta pelos direitos de igualdade a todos, sem exclusões e oligarquias, o movimento defende e luta pelos direitos dos fracos, dos pobres, dos miseráveis dos massacrados pelas mãos dos grandes latifundiários e capitalistas.

Para poder mudar a escola, é preciso primeiro saber o que faz com que ela seja o que é hoje, essa engrenagem que não atende os interesses do povo.

A fase em que vivemos é uma fase de luta e de construção, que se faz por baixo, de baixo para cima e que só será possível e benéfica na condição em que cada membro da sociedade compreenda claramente o que é preciso construir. Segundo Pistrak (2005, p. 41):

A solução do problema exige a presença e o desenvolvimento das três seguintes qualidades: 1) aptidão para trabalho coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização.

Portanto a escola hoje, precisa se construir com os educandos, partindo daquilo que os mesmos vivenciam, para que se possa fazer a diferença em suas vidas. A escola precisa mudar seu foco, os sujeitos que nela estudam quem são o que querem o que esperam o que sonham e ajudá-las a construir conhecimentos que dêem acesso ao que a humanidade já produziu que compreendam o que estão vivendo para construir um futuro como seres humanos.

Então é necessário construir propostas que se fundam em concepções como as dos temas geradores que contemplem todas as dimensões do desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dêem mais autonomia aos educandos, educadores e comunidade educativa compreendendo melhor sua realidade, utilizando-se dos conceitos presentes neste cotidiano fazendo a ponte com que a humanidade já sistematizou para planejar e construir um conhecimento que seja duradouro e válido para a vida das famílias envolvidas.

O depoimento do Professor e Pedagogo Marcos G., trouxe elementos

fortíssimos para a investigação da validade concreta daquela época, e provocou uma reelaboração, um recomeçar, ou seja, uma reflexão da situação limite, nos faz pensar na teoria metodológico-científica para aprofundar concepções de uma consciência pedagógica possível. Redefinindo passos, organizar os sujeitos para a dialogicidade, reflexão, teoria e prática.

Voltando para o campo, estudando a diversificação programática e seu desvelamento. Rumos para criar conteúdos referentes ao contexto sócio-cultural econômica. Possibilitando debates, reuniões nas diversas etapas, investigar o cotidiano dos sujeitos trazendo para o centro o diálogo com sua realidade, ouvindo também as contra propostas.

Quando as famílias estavam colhendo o milho na roça, e as professoras ao conversarem com elas iniciaram-se toda uma investigação que haviam preparado, perguntando assim o motivo em que as crianças não estavam indo para a escola, o que elas faziam na roça e qual o seu conhecimento com o trabalho.

Teoricamente cria e recria-se um movimento dialético, um novo olhar a luz da compreensão dos limites vividos anteriormente, dados estes, necessários para refletir sobre aquelas ações e reviver tempos ao qual desenvolveu uma trama de relações que se transformaram em conteúdos e com esses elementos sustenta-se uma organização curricular para as escolas comprometidas com o povo.

Ressignificando a investigação temática se fazendo comum aos sujeitos, portanto, implica num fazer educativo, como ação cultural.

Portanto, Paulo Freire (1992) afirma que o tema gerador permite uma ponte entre o que cada um já sabe com o saber que está prestes a ser construído pela relação intersubjetiva, produzida a partir do grupo em partilha.

A colheita do milho ficou sendo como o primeiro tema gerador, onde várias disciplinas foram trabalhadas, na opinião do Professor Marcos, houve um avanço nos alunos e o sentido das aulas teve maior valor.

O depoimento da Secretária de Educação Ivone, quando foi mencionado o trabalho com o Tema Gerador 'milho', a secretaria dentro de suas condições deu apoio necessário para que se realizasse. E que o tema seria aproveitado como capacitação para os professores do município, e também a questão do MST

(Movimento dos Sem Terra), para ser desenvolvido dentro do acampamento. Segundo a Secretária, naquele ano deu certo, os professores obtiveram interesse, correram atrás e realmente foi atingido o objetivo. Sabe-se que se têm muitos professores limitados ao uso de materiais didáticos prontos, e isso se torna o ensino monótono, ninguém gosta do novo, de desafios, gostam apenas de comodidade. Houve alguns registros, no PPP (Projeto Político Pedagógico), porém hoje foi consumido. Teve também outros projetos como um parquinho feito de materiais sucatas, apenas no acampamento, e que hoje está destruído.

Portanto conclui-se que um tema gerador planejado e envolvendo toda a comunidade dará certo e é um incentivo para as crianças e até mesmo para todos os envolvidos, pois associar sua experiência com o conteúdo a ser trabalhado possibilita a reprodução de recriar outras práticas.

Essa concepção diferente de trabalhar o tema gerador de Paulo Freire nos assentamentos cria possibilidades de fazer reflexões com um comprometimento com o sujeito, respeitando a análise que ele faz do mundo e transformando a sua realidade com um espírito de luta pelo direito a terra o qual o tema gerador cria.

O Tema Gerador exige investigação, detectar a situação limite e construir as redes temáticas, dialogando com as diferentes concepções, procurando desvelar as situações ocultas, problematizando, denunciando, promovendo aprendizado, e junto à conscientização. Na experiência em questão, vinculado com o contexto social da comunidade, estava presente o Movimento Sem Terra com seus princípios, cujo trabalho com o tema gerador, permitiu reavivar os princípios, confrontando-os com a proposta educacional no caminho da construção de um outro modelo de sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **A educação básica e o movimento social do campo**. In: Caderno n. 2 "Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo" Brasília, DF: Editoração Eletrônica, p. 13-52, 1999.
- BENINCÁ e CAIMI, F. E. (Org) **Formação de Professores: um diálogo entre a teoria e a prática**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola na...** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Tema Gerador – concepção e práticas**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 1992.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. 22ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CECCON, Claudius. OLIVEIRA, Miguel Darcy. OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **A vida na escola e a escola da vida**. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 7ªed. Rio de Janeiro: paz e terra. (1970).
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 38. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- ONÇAY TODERO VON, Solange. **O tema gerador na relação com a constituição de políticas públicas**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2006. (cadernos Unijuí).
- PIRES, Ariel José; SANTOS, Wanda T. Pacheco dos. **Um pouco da História e Geografia de um povo**. Gráfica da UNICENTRO. Porto Barreiro: Prefeitura Municipal, 1990.
- PISTRAK, M.M.; **Fundamentos da Escola do Trabalho**, 4ª ed. Expressão Popular, 2005.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika. De identidades e pessoas: um estudo de caso sobre os sem terra de Sumaré: Dissertação de mestrado FFLCH. São Paulo, 1993.
- REVISTA CAROS AMIGOS – novembro. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2000.
- SALES, Teresa. **Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira**. Tese de Livro-docência da Unicamp. Campinas, 1993.

VANNUCCHI, Aldo. SANTOS, Wladimir. FREIRE, Paulo. **Paulo Freire ao vivo**. ed. Loyola. São Paulo: 1983.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-42001000300016

ANEXOS

DEPOIMENTOS

Do professor pedagogo Marcos Gehrke e coordenadora Cecília.

Rita: Na época do tema gerador como foi esse trabalho?

Marcos: A gente tomou a decisão de visitar as famílias no trabalho a gente fez organizar uma visita na roça com as crianças que vinham pra escola e as que não vinham tentando com a intenção de descobrir o porquê que elas não vinham pra escola e discutir com as famílias o que fazer para vir para escola. Mas ao a gente fazer às visitas as professoras realizou as visitas acabam descobrindo um conjunto de conhecimento e saberes das famílias em torno do trabalho que na época era justamente a época do plantio e da colheita do milho. Então as famílias que estavam colhendo o milho e ao conversar com elas na roça as professoras começaram fazer todo uma investigação que nós havíamos preparado na formação dos professores né então teve toda uma preparação em torno de saber porquê que as crianças não estavam indo pra escola né, o que elas faziam na roça que conhecimentos tinham no trabalho no mundo que é então começa a nascer um conjunto de depoimentos e fala dos agricultores do tipo dizendo que eles já sabiam quanto de milho iam colher sem antes colher o milho que daí despertou a curiosidade das professoras em querer saber mas como que vocês sabem quanto de milho vai colher se você nem colheu ainda ai os agricultores tinham ainda uma explicação do tamanho da espiga do numero de espigas por pés, contariam as fileiras e essa matemática toda né. Então começou a nascer um conjunto de curiosidades nossas né. Também foi nesse processo de visita nas famílias inclusive nos barracos né, então também houve toda uma descoberta das mulheres socando o milho no pilão, a forma que elas faziam isso na cinza, com a palha despertou um conjunto de questões né, que então que a gente então como acompanhamento na formação dos professores levantou a gente fez então, um planejamento do tema gerador a partir de essas curiosidades que a gente então chama de questões geradoras né, a gente levantou todas as questões geradoras né.

O que a cinza tem que descasca o milho porque que a canjica do milho socado no pilão com cinza é melhor do que a canjica enfim, então todas as questões geradoras fizeram com que a gente então planejasse o tema gerador.

Rita: Logo em seguida ficou algum projeto elaborado a partir dessa proposta do milho que aconteceu na época?

Marcos: Então esse foi um dos nossos primeiros temas geradores né, que já faz tempo já faz uns 8 anos né, então foi o primeiro planejamento foi pro plano planejamento do plano temático que foi um conjunto de planos que a gente fez em torno de cada área que poderia tá estudando, como que a gente motivou país como e que a gente trouxe as famílias pra escola, as professoras continuaram indo nos barracos né, então teve um todo um planejamento né, e depois a gente fez um acompanhamento desse plano discutindo quem ensina matemática, português, como escrever nas outras áreas né.

A área de ciências é uma área muito bem trabalhada né, que a gente fez todo um conjunto de descobertas e que o tema e como foi fechada, a gente fez uma grande festa onde a gente comeu todos os derivados do milho foi feito o bolo de fubá, foi feita a canjica, o amendoim. Foi feito um conjunto de pratos que a escola trabalhou e que as mães preparavam nos barracos para gente poder fechar esse tema gerador né.

Então teve todo esse trabalho que se desdobrou em torno da questão do tema gerador.

Rita: E ficou algum registro sobre isso?

Marcos: eu acho que como é comum na escola pública né, e nós professores a gente acaba não fazendo registro então a gente não produziu nenhum texto a partir disso, acho que as crianças guardaram as coisas no caderno, mas o caderno deve ter sido queimado. Então acho legal a tua pesquisa ela pode fazer ajudar a trazer de volta tudo que sobrou né. Eu devo ter nas minhas coisas pessoais, mais já nem sei tem que procurar mais eu acho que não tenho nada registrado também né. Então é um limite nosso de professores limite nosso, nós não escrevemos e dizemos que

escrever é importante, não lemos e dizemos que ler é importante. Então, acho que esse tema gerador e agora tua pesquisa ela mostra efetivamente pra gente que precisa recuperar registro, alguns temas eles geram mais outros nem tanto.

Rita: E o avanço da época o que você sentiu lá?

Marcos: eu acho que teve vários avanços mais acho que sim o avanço principal foi assim que as professoras ficaram mais felizes de da aula aquilo que elas trabalhavam tinha sentido né, elas aprenderam então não era aquele discurso de que a o professor aprende com a criança não a gente tem efetivamente se enxergou aprendendo a gente não sabia o efeito da cinza no milho a gente não sabia as receitas que passou a gente começou a aprender à matemática dos adultos que não sabiam né. Então conseguimos um avanço legal foi essa parceria entre o MST e o acompanhamento uma secretaria municipal do Partido dos Trabalhadores com as professoras lá do acampamento das famílias então acho que o avanço foi essa alegria esse compromisso e de ver que é possível fazer uma educação com participação de todos os segmentos.

Rita: E a contribuição que você deu lá foi em que período, uma vez por semana, duas...

Marcos: é naquele período assim teve não foi uma coisa tão constante né, nós tivemos momentos que era acompanhamento semanal também por que eu morava aqui próximo né, mas a gente fazia periodicamente, né tinha encontro de quinze em quinze dias tinha encontros mensais. Naquela época, a gente fez a Conferência aqui de educação do campo né, então teve muitos momentos, elas foram contar as experiências em alguns lugares né. Então o acompanhamento ele foi a diferentes formas.

Rita: Então esse período foi em quanto tempo, seis meses, um ano...

Marcos: acho que assim digamos, o auge foi um ano, foi aquele ano né, depois eu também não acompanhei mais acho que as pessoas também pararam com algumas coisas e que isso acha que é um outro aspecto importante, quer dizer, por um lado avançou porque tinha acompanhamento, então é um aprendizado a gente tem que

ter quando pensa educação através do tema gerador. É preciso um acompanhamento externo à escola. Porque senão o processo morre em si mesmo, agora isso tem um limite quer dizer as professoras fazem se animam quando tem alguém olhando então ainda tem muita cultura de fazer pra alguém, então acho que tem um limite, que as professoras tão limitadas aquele período elas podiam ter continuado.

Mais acho que o avanço também é legal até hoje, oito anos depois a gente encontra as professoras a gente se olha e todo mundo lembra daquilo que a gente viveu junto, quer dizer, então foi uma experiência significativa, rica e que a gente precisa repeti-las.

Marcos: tinha um tema menor teve outros temas, mais digamos esse foi o tema gerador mesmo né, esse foi o tema que todo mundo se entregou e viu encarnou mesmo e viu que era gerador teve um resultado, mudou, as crianças aprenderam. A gente nem lembra mais, até esquece.

Rita: E o que você ia coloca mais que você falou anteriormente?

Marcos: não eu disse que acho que assim uma coisa importante que a gente na época estudava mais nós não fizemos um estudo teórico grande do tema gerador, também porque não tinha um tempo. Então a gente era um estudo muito pratico quer dizer então discutia como fazer era muito em função do "como e de como resolver problemas", acho que o que no momento faltou era estudar sobre o tema gerador mais teoricamente, acho que isso é um limite e que sabe também a gente não registrou, acho que isso **era um limite à gente trabalhou com um só tema gerador como um todo**. A gente tem que estudar, escrever, registrar, acho que isso que faltou.

As professoras são dez.

Rita: E mesmo a conferencia né.

Cecília: Pois a conferencia de educação de campo.

Rita: foi apresentado um teatro um trabalho

Cecília: um melhor trabalho.

Marcos: as gurias acabaram tomando todo tempo do relato.

Cecília: você lembra que a Neiva berride tava no grupo de vocês e oficinas era com a Neiva berride que ela é especialista em tema gerador e tal lembra e daí ela voltou de lá porque eu tava tratado de fazer documento geral e daí eu me lembro assim que ela voltou meu deus animada, animada foi tudo certo mais não sei o que.

Marcos: e olha que pra Neiva dizer alguma coisa.

Cecília: é e ela vai lá vê daí eu desci correndo nunca esqueço era aqui pra baixo.

Marcos: a professora grande ali apresentando teatro, olha isso o tema gerador provocou gente porque se não fosse o tema gerador não teria tido isso.

Cecília: eu acho que isso tem que dizer mais pro jovem que apesar de muito tempo ele provocou varias e varias tinha musica tinha o teatro tinha varias coisas que não eram só aquela aula, aula.

Marcos: isso o tema gerador ajudou é fazer uma formação dos professores ele não foi só um tema gerador pra planeja pra da aula e pra da conteúdo ele transcendeu isso porque ele fez as professora s subirem no palco e apresentar teatro cria uma peça do professor com a criança, resgatou a musica fizeram parodias escutaram a matemática do contexto porque estudaram todo aquele processo de como é que numa carreira de milho que tem tantos pés tem tantas espigas que uma espiga pesa tanto o agricultor sabe calcular sem sabe escreve quantos quilo de milho ia dar então tinha tantas carreiras quantos quilo ele ia vender e quanto ele ia ganhar, então teve todo o conhecimento valorizado e aí isso conseguiu transcender no sentido daquela coisa de tema gerador pra da aula não o tema gerador é mais que pra dar aula ele é pra fazer a transformação mesmo da escola ele pode ajudar, claro que daí acho que um outro fator interessante que eu acho que tem que também vê a gente ta num acampamento e o acampamento é uma escola longe do poder público de certa forma desassistida e eu acho que teve toda a liberdade que se quisesse passar na roça a tarde inteira ninguém dizia que não e é o vicio da escola dada e do modelo padrão porque ai todo mundo fica já xeretando tudo já não pode tudo já é enquadrado então o tema gerador ele não cabe em qualquer escola, o tema gerador ele cabe em algumas escolas que é a totalidade da educação que tem que leva,

então ele combina com o acampamento que o acampamento é rebelde ele combina com o assentamento, agora a gente não pode querer bota essa metodologia bacana rica interessante dentro da escola quadrada e formatada.

Cecília: é que o que agente disse é que essa e outras é que aquela experiência a gente tem uma escola menos formalizada ela é mais completa, o tema gerador acata ele da mais conta.

Marcos: permite.

Cecília: permite gerar coisas novas porque se a escola é muito enquadrada você tá dentro do colégio enquadrado não gera nada ela não permite geração é um espaço que limitado com aquele quatro quadrado a sala você não transcende de uma certa forma enquanto que num espaço mais aberto aí o tema gera mesmo.

Então assim eu não ia querer dizer mais assim pra você tem que tá fora das quatro paredes um tanto fora no sentido de que finalidade uma escola menos institucionalizada e o tema gerador realmente a situação limite do aprendizado.

Marcos: digamos assim a escola ela tem que ser fértil pra semear o tema gerador ou também em alguns lugares muitos formais você semeia o tema gerador e nasce coisas então ele também ajuda desformalizar um pouco a escola agora é sempre mais produtivo produzir mais a roça vai tá melhor onde a escola tá mais desenquadrada e o tema gerador ele desenquadra ele não pode ser aquele roteiro já pré definido.

Rita: e a fragmentação num certo ponto ela também supera de uma certa forma.

Depoimento com a Secretaria Ivone no ano de 2000, falando do tema gerador.

Rita: Ivone como foi a experiência do tema gerador enquanto secretária de educação?

Ivone: O tema gerador na verdade, surgiu de uma proposta, da organização dos movimentos trabalhadores rurais Sem Terra, porque estávamos num momento de capacitação de professores, mas a capacitação de professores desenvolvida no município de Porto Barreiro até no momento não tinha sido pensado em trabalhar e até porque a gente mesmo não conhecia essa proposta de tema gerador, mas com a inserção coma vinda dos trabalhadores rurais sem terra pro município o Marcos Gehrke participando da organização dos movimentos Sem Terra e responsável pelo setor de informação também começou a participar do município de Porto Barreiro dentro da ocupação dos Trabalhadores Sem Terra na época do município e ai sugeriu pra gente uma metodologia diferente uma forma diferente de trabalhar seria o tema gerador e gente então acreditando que avia possibilidades de desenvolver um projeto diferenciado e acreditando que a organização dos movimentos dos Trabalhadores rurais Sem Terra também tem uma proposta global uma proposta maior do que só a luta pela terra, mas também uma luta pela educação diferenciada uma educação onde o sujeito se sente mais valorizado acreditamos e apostamos então na proposta e começamos a desenvolver o projeto tema o a metodologia baseada no tema gerador lá dentro do acampamento dos sem terra.

Rita: e de que forma foi vista esta experiência pelos professores teve comentários?

Ivone: olha na verdade os professores que atuaram naquela época ali do movimento na escola do movimento Sem Terra um era do movimento né que era o Rene e os demais professores a Josiane na época acho que a Daniele Bavaresco também eram professores de teste seletivo que como não era assentamento ainda e a gente não sabia se ia sair assentamento ou se não saia assentamento então a gente também não fez concurso na época foi feito teste seletivo e eles eram

professor de teste seletivo e eu acho que na grande maioria esses professores novos aceitaram a proposta mais os professores velhos tantos que alguns não ficaram no assentamento né, você lembra na época que alguns professores não quiseram mais permanecer lá e forma para sede do município porque não acreditavam nessa proposta e não se dispunham a desenvolver um projeto diferenciado e tão diferenciado assim como é o tema gerador onde o professor na verdade ele tem muito mais trabalho do que no trabalho convencional de professor.

Rita: e sobre a trajetória da escola a questão da nucleação o que você sabe mais ou menos.

Ivone: bom essa escola na verdade quando o movimento Sem Terra chegou lá ela já era nucleada ela foi nucleada justamente porque ela era construída dentro de uma serraria dentro de uma fazenda que lá tinha uma serraria que se chamava serraria Santa Rita se eu não me engano a comunidade Santa Rita uma coisa assim mais era uma serraria da fazenda manasa e aos poucos a manasa também foi mudando sua forma de trabalho e fechou a serraria fechando a serraria ficou ali muito pouco funcionários só algumas famílias, que eu lembro pelo menos é uma família que trabalhava cuidando do pinos que era plantado ali e acabou população na verdade tinha uma família ali do funcionário da manasa e acho que uns dois três não moradores a li perto que tinha nessa escola e acabou praticamente tavão com três alunos quando ela foi fechada essa escola foi fechado justamente por não ter alunos e isso foi fechado no início do ano quando foi no meio de setembro os Sem Terra ocuparam a fazenda e ai pela vinda dos Sem Terra e não avendo possibilidade de abri uma escola rapidamente ate porque pela burocracia do estado que só possibilita só permite que abra escola em assentamentos e não em acampamento, no primeiro ano que os Sem Terra tiveram lá foi em 97 eu acho foi ocupado a escola Irmã Inês Vailati como sede como a escola base e a escola funcionou se lembra né funcionou com a escola Irmã Inês Vailati ai em seguida como avia desativado a escola Cândida Oliveira Luz na época então foi aproveitado a foi reativada a escola e aproveitado o mesmo nome da escola ate os assentados questionaram nessa época mais que não eram nome que identificasse a luta deles né só que daí foi dito para eles que como era uma escola que já tinha sido autorizada o funcionamento e como ainda não era

assentamento então foi discutido e veio essa proposta de continuar a mesma escola até porque a própria família que era família da Cândida Oliveira Luz pediu para que não mudasse o nome da escola e permanecesse o nome da escola porque era uma moradora antiga tal e tal então permaneceu ali o nome dessa escola mas ali é importante refletir ali porque muitas vezes nuclearização e a gente critica a nuclearização mas muitas vezes também ela é necessária justamente pelo êxodo rural não é só então a administração pública a prefeitura ali a culpada mais a própria saída dos agricultores modelo capitalista o modelo de exclusão o modelo de êxodo rural faz com que as pessoas vão embora e ali não permaneça mais ninguém e não tem como ter uma lá sem ninguém agora com a ocupação novamente dos Sem Terra foi possível abrir novamente a escola e um fator muito importante que depois que um dois anos e meio três anos e quase quatro anos de escola ali os próprios assentados alguns deles queriam que fechassem a escola e mandasse os filhos para a sede justificando que a escola da sede era melhor e etc. e tal até porque a estrutura física da escola era muito ruim depois e que ela foi reformada um pouco mas mesmo assim ela não ficou uma estrutura boa apesar que essa estrutura da escola da sede também era péssima funcionava no centro catequético então era muito ruim mesmo mais assim as famílias fizeram isso e a gente muita luta com muita discussão fez com que eles entendessem. Que na verdade os professores que trabalhavam na sede eram muitas vezes eram os mesmos que trabalhavam lá na escola então não avia diferenciação de ensino da forma de ensinar da metodologia e é importante saber que na verdade assim que o Marcos também se afastou um pouco da organização dos Sem Terra da educação do Sem Terra também acabou-se o projeto do tema gerador que avia sido desenvolvido a horta que foi feito que dizer talvez isso seja um pouco a falta da participação da comunidade do envolvimento da comunidade como sujeito responsável por aquele serviço lá.

Mas por outro lado também tem pensa o seguinte, ta eu participei mas só porque eu não participei tenho que destruir então quer dizer são indagações que a gente precisa ir fazendo porque o local ali era o local do movimento Sem Terra e que a gente pode até ter um pensamento errado mas ele sempre acredita que eles, esses agricultores essas pessoas tem uma consciência maior sobre o seu papel na

sociedade então. E na verdade a gente vê que não e bem assim que as lideranças tenham mas que a base nem sempre acompanha esse raciocínio. Então na verdade foi isso, e ali que a gente vê que a saída das pessoas causa nas comunidades formas diferentes de organização e à medida que elas voltam também é possível voltar a escola voltar a comunidade voltar a igreja quer dizer, a comunidade vive novamente.

Rita: e o que, que você pode dizer sobre a questão dos limites que teve e os avanços, consegue visualizar?

Ivone: os limites na verdade é a nossa própria formação de fazer as coisas meio que pronta o uso da cartilha o uso do material didático pedagógico vindo do MEC que dizer pra nós professores e muito mais fácil que o uso dessas coisas e isso faz com que muitas vezes o professor deixe de pensar ele não pensa ele prefere fazer aquilo que alguém diz pra ele fazer porque se de errado foi a Rita que disse foi a Ivone que disse não fui eu que pensei dessa forma e o tema gerador como avia muita necessidade de se fazer um trabalho onde a comunidade pode participar e começou se fazendo dessa forma e você lembra o quanto que foi rico o tema milho que foi aproveitado justamente porque que as crianças faltavam na aula elas precisavam ajudar os pais a colher e a gente pode até incluir o trabalho como princípio educativo e a escola eu acho que começou a fazer isso indo lá na roça discutindo com os pais trazendo o que que pode ser feito com o milho foi feito a canjica foi discutido porque que se coloca cinza pra socar a canjica qual e a função da cinza e aí foi discutido inclusive os princípios químicos da cinza o que ela causa pra tira aquela casquinha por que ele é um produto ácido mais é um produto ácido mais não e prejudicial a saúde então na verdade foi resgatado coisas antigas que a população antiga fazia mas que nem eles mesmos sabiam porque que se coloca se a cinza qual era a função da cinza eles sabiam que se coloca se a cinza era mais fácil de tirar a casquinha do milho mas eles não sabiam o porque disso e isso foi discutido com a população foi pesquisado os professores correram muito atrás lembra a Josiane a Daniele a quinha a própria Fabiana trabalhou nesse projeto aí tinha a Lídia do acampamento o Rene também e assim aos poucos na verdade envolveu toda a comunidade só que foi um projeto curto foi uma duração muito curta

e que hoje na verdade não existe mais pelo que eu sei não posso falar desse momento mais eu sei que não existe mais mesmo sendo uma escola do interior do campo uma escola que criou-se pela necessidade pela vinda dos trabalhadores Sem Terra e aí a gente vê uma certa contradição porque os Sem Terra quando eles lutam pela terra não lutam apenas pela terra eles lutam também pela educação emancipadora e tal mas eles não conseguem eu acho que escola é tão fechada o modelo é tão fechado ou não sei que acontece eles não conseguem trazer pra dentro da instituição as práticas educativas que eles têm lá nos momentos deles de reuniões assembléias trabalho de grupo que é um espaço formativo muito grande mas que a escola não consegue aproveitar enquanto escola e uma escola que forma cidadãos capazes influencia no meio que vive então pelo menos teoricamente tem isso então são coisas sabe Rita que é importante investigar é importante pesquisar mas também é importante que fique uma reflexão o porque que esses projetos não avançam limitou-se naquele período naquela escola.

Rita: não teve nenhum registro na época assim momento dessa história?

Ivone: teve muito registro inclusive no PPP ficou escrito lá que a metodologia utilizada naquela escola baseava-se no tema gerador de Paulo Freire, existe inclusive no PPP e ficou muita coisa registrada. Não existe mais, foi consumido mas que ficou, ficou fotos nossa um monte de coisa se você procurar com os professores que trabalhavam na época de repente elas tem alguma coisa guardada, se não ficou na escola foi perdido.

Rita: e você sabe se alguma coisa da época fora o milho que foi o tema gerador da época quais os temas que foram trabalhados ou somente o milho?

Ivone: pelo o que eu sei pelo menos o que foi iniciado e concluído foi o milho.

Rita: teve outros?

Ivone: que eu saiba não e teve a elaboração do parquinho que começou juntamente com a Conferência com o Encontro Regional que foi feito da Educação do Campo no município de Porto Barreiro mais de seiscentos pessoas e que na verdade o parquinho foi uma das oficinas feitas pra mostrar que com sucata fazer espaços de lazer dessas crianças e só que na verdade também ficou na naquela escola e ainda foi destruído os próprios assentados.

Rita: outra coisa também quando secretaria de educação se foi dado todo o apoio necessário aos professores pra que realmente existissem?

Ivone: olha eu vou dizer assim que dentro das possibilidades que se tinha foi dado não só dentro das possibilidades econômicas mas dentro das possibilidades daquilo que a gente conseguia visualizar naquela época até porque você sabe a medida que você vai evoluindo que você vai estudando você vai melhorando também você vai modificando a tua forma de pensar então dentro daquilo que era possível na época na verdade foi feito e você lembra disso que foi feito muita coisa foi escrito o projeto pedagógico ele não é o melhor não com certeza ele tem muito, muito erro mas como não tinha nada alguma coisa ficou escrito foi escrito um livro você lembra lá que é o nome é um pouco da historia da geografia de um povo que conta lá como que surgiram as comunidades quer dizer não existia nada contando a historia do município no entanto ficou uma coisa difícil isso porque tudo através de projeto de formação continuada de professores mesma que fizeram esse material não foi alguém a universidade teve presente no sentido de assessora mas não foi a universidade que fez quem fez a pesquisa quem estudou foram os professores na verdade foi dada a oportunidade acho não é nem questão de da oportunidade mas propiciado o momento onde os professores pudessem ter os seus sujeitos pessoais e se hoje isso não é reconhecido é porque os próprios professores não entenderam o processo e eu acho que é possível isso acontecer .